



A Verdade

ANO LXX - Nº 557 - Julho/Agosto de 2023

Revista Maçônica

DESVENDANDO O UNIVERSO, ASTROS E COSMOS





Após um ano de mandato, mexendo em documentos antigos, encontrei uma folha impressa com o roteiro das apresentações feitas durante a campanha, que me acompanhou em minhas viagens e servia de guia, já que continha o resumo daquilo que nós tínhamos como ideal não só de trabalho, mas também de como deveria funcionar essa instituição chamada Maçonaria.

Era um script pontuando que eu deveria me apresentar, explicar a composição da chapa, falando sobre os membros que dela faziam parte; mostrar os projetos que seriam implantados e, logicamente, pedir o voto, para que assim pudesse promover e executar todo o trabalho proposto. Nessa apresentação, a ideia principal frisava que seria uma gestão na qual os irmãos seriam tratados como irmãos.



Nosso roteiro era dividido em duas grandes partes e tinha uma complementar, destinada à Hospitalaria. A primeira baseava-se na questão da informatização da Glesp, explicando que seria necessário ter um banco de dados, que até já existia para os serviços administrativos internos, mas que os irmãos pudessem ter acesso fácil e rápido para se encontrarem, se comunicarem e fazerem uma espécie de networking. Também abordava a utilização desse ambiente virtual, que poderia servir como possibilidade de ampliação da renda dos irmãos, pois teriam acesso à atividade profissional dos demais obreiros.

Ainda nessa primeira parte, nosso roteiro abordava a importância de se implementar e alavancar, por intermédio dos métodos modernos de ensino como a EAD (Educação a Distância), a produção de cursos, pesquisas, fóruns, seminários e workshops para os irmãos. Isto também já está em pleno andamento, haja vista os projetos e instruções que se encontram no site da Glesp e o nosso novo projeto de Mentoria dentro das lojas.

Diante dessas propostas, o objetivo era trazer a Glesp para o Século 21 através da digitalização e automação de todos os processos administrativos, o que hoje também já é uma realidade.

No segundo bloco do roteiro, nossa abordagem estava voltada mais diretamente para a prática da Maçonaria. Então, nesse sentido, a primeira proposta era efetivar a independência dos três Poderes da Glesp, o que realmente foi feito. No que se referia ao fortalecimento dos princípios maçônicos, buscamos mostrar a importância de os irmãos ter atitudes e comportamentos maçônicos não apenas dentro das lojas, mas em sua vida em geral, junto à sociedade e à família. Ainda nessa questão, pregamos a união entre os irmãos, facilitada e incentivada por uma administração itinerante, a qual nos esforçamos para fazer todas as semanas, viajando o estado de São Paulo inteiro para visitar lojas e estar mais próximos dos irmãos.

Também frisamos a importância do relacionamento e da autonomia referentes às Ordens Colaterais (Marca, Real Arco, Cavaleiros Templários etc.) e aos Graus Filosóficos, do Supremo Conselho do Grau 33 do REAA, ao qual damos pleno apoio.

Ainda sobre a união entre irmãos e o fortalecimento da família maçônica, essa administração tem atuado fortemente junto às Ordens Paramaçônicas, que hoje têm recebido muito apoio e divulgação, o que também acontece na área de Cultura, com novos projetos relacionados ao incentivo aos escritores maçônicos e apresentações musicais, com a exibição da Orquestra Sinfônica Carlos Gomes, entre outros.

A Rede de Solidariedade, que constava na segunda parte da apresentação de campanha, hoje é uma realidade e mobiliza todos os Hospitaleiros da Glesp, fazendo atividades filantrópicas e buscando ajudar diversas instituições ligadas aos nossos irmãos.

Vencemos a eleição, e praticamente todos os projetos desse script já estão implantados e em andamento. No mês de outubro, iniciaremos o projeto de reestruturação administrativa interna, pois as dispensas que eram necessárias já foram realizadas e, agora, a Glesp entra em um novo processo para que seja blindada administrativamente e funcione mais perfeitamente.

Fico satisfeito de ter conseguido, juntamente com os demais membros da administração, cumprir com o proposto durante a campanha, mas sei que ainda há muito a fazer para chegarmos ao nosso ideal de gestão. Continuaremos caminhando conforme constava no fechamento da nossa apresentação, no qual ressaltávamos que nosso objetivo era administrar a Glesp como maçons, tratando irmãos como irmãos, agindo dentro da moralidade e respeitando a nossa Constituição.

Um fraternal abraço,

Sereníssimo Grão-Mestre Jorge Anyisio Haddad

◆ EXPEDIENTE ◆



A Verdade

Publicação bimestral da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (Glesp)

Fundador

Irmão Francisco Rorato (1911-1983)
Loja Prudente de Moraes, 5

Administração

Grão-Mestre Jorge Haddad
Loja Justiça e Tolerância, 689
Oriente de Araraquara

Conselho Editorial

Descartes de Souza Teixeira (L. 10)
Ezivaldo Lins de Araújo (L. 124)
Samir Nakhle Khoury (L. 141)
Samir Cury (L. 857)

Editor e Jornalista Responsável

Wagner Apinhanesi (MTB: 41.856-SP)

EDIÇÃO DIGITAL

Assinatura

Seis edições bimestrais: R\$ 106,15

REVISTA A VERDADE

Rua São Joaquim, 138
Liberdade - São Paulo - SP
CEP: 01508-000
Tel: (11) 3207-8399

E-mail: averdade@glesp.org.br
www.glesp.org.br

Atenção: Os colaboradores das revistas A Verdade e Grande Loja em Destaque, que enviam informações, textos, fotos e imagens, são responsáveis pela autoria e originalidade do material enviado às revistas e pela obtenção de autorização de terceiros para a devida utilização, quando necessária, respondendo, assim, por qualquer reivindicação que eventualmente venha a ser apresentada às revistas em relação aos direitos intelectuais e/ou direitos de imagem. Os colaboradores das revistas da Glesp são voluntários e não recebem remuneração pelo trabalho cedido às publicações. Os artigos assinados não refletem, necessariamente, o pensamento da direção ou do editor das revistas. Não devolvemos originais não publicados.





Desvendando o Universo, Astros e Cosmos

Mesmo que ainda possamos questionar inúmeras coisas quando olhamos para o céu e observamos as estrelas, cabe revisitarmos o passado e aqueles que contribuíram de maneira relevante ao longo da história. Os primeiros modelos cosmológicos são registrados com datas de 4.000 a.C.



4
Capa

Entre Espíritos, Estrelas e Sociedades: Reflexões sobre a Jornada Maçônica

O ser humano sempre esteve em busca do conhecimento, tentando compreender o mundo e o universo em que vive. Essa busca incansável fez com que diferentes filosofias e ciências fossem desenvolvidas ao longo da história, como as apresentadas nas obras *No Invisível*, de Léon Denis; *Cosmos*, de Carl Sagan; e *O Contrato Social*, de Jean-Jacques Rousseau.



10



28

A ritualística da Iniciação e a criação de Adão: uma breve analogia com ênfase na presença dos quatro elementos

De acordo com a liturgia e ritualística da Iniciação Maçônica seguindo o REAA, eu, enquanto profano, ao me despir de meu paletó e levantar as vestes que me restaram, de modo a ficar seminu, estaria representando a criação imagética do homem por Deus, conforme a leitura da passagem de Gênesis.

O que a Maçonaria pode fazer pela juventude

As preocupações que afligem o mundo e, principalmente, a nós, maçons, são com o futuro da juventude, que está sendo preparada para assumir as responsabilidades de continuar os trabalhos para tornar feliz a humanidade, para garantir a paz e a união entre os povos, o que é de importância primordial para o futuro das nações, das instituições, da segurança e da preservação da humanidade.



14



34

O Grande Arquiteto do Universo, o Altar dos Juramentos e o Candomblé

Os egípcios tinham uma mesa de oferendas para os seus antepassados, fato que me faz notar a semelhança com as tradições do Candomblé, religião em que existe o culto aos antepassados. Sacrifício, também conhecido como imolação, oblação, oblata, oferenda ou oferta, deriva do latim, *Sacrificium*, que literalmente significa "ofício sagrado".

Os maçons na era digital

As redes sociais constituem fruto da globalização e da evolução no compartilhamento de informações. E os maçons e a Maçonaria, evidentemente, não podem ficar de fora do uso dessas ferramentas. Mas tem que saber usar para não cair em erros e nas armadilhas de quem se aproveita da boa intenção dos irmãos incautos.



20

As aspirações da Maçonaria Operativa e os desafios do mundo contemporâneo

Neste artigo, o autor explora uma pequena amostra da importância da relação histórica entre a Maçonaria Operativa e o seu uso nos desafios do mundo contemporâneo, destacando a relevância da fraternidade, do conhecimento e da busca pela verdade nos dias de hoje.



24



DESVENDANDO O UNIVERSO, ASTROS E COSMOS

Irmão José da Silva Anchieta
Loja Arte Real, 598 - Oriente de São Paulo

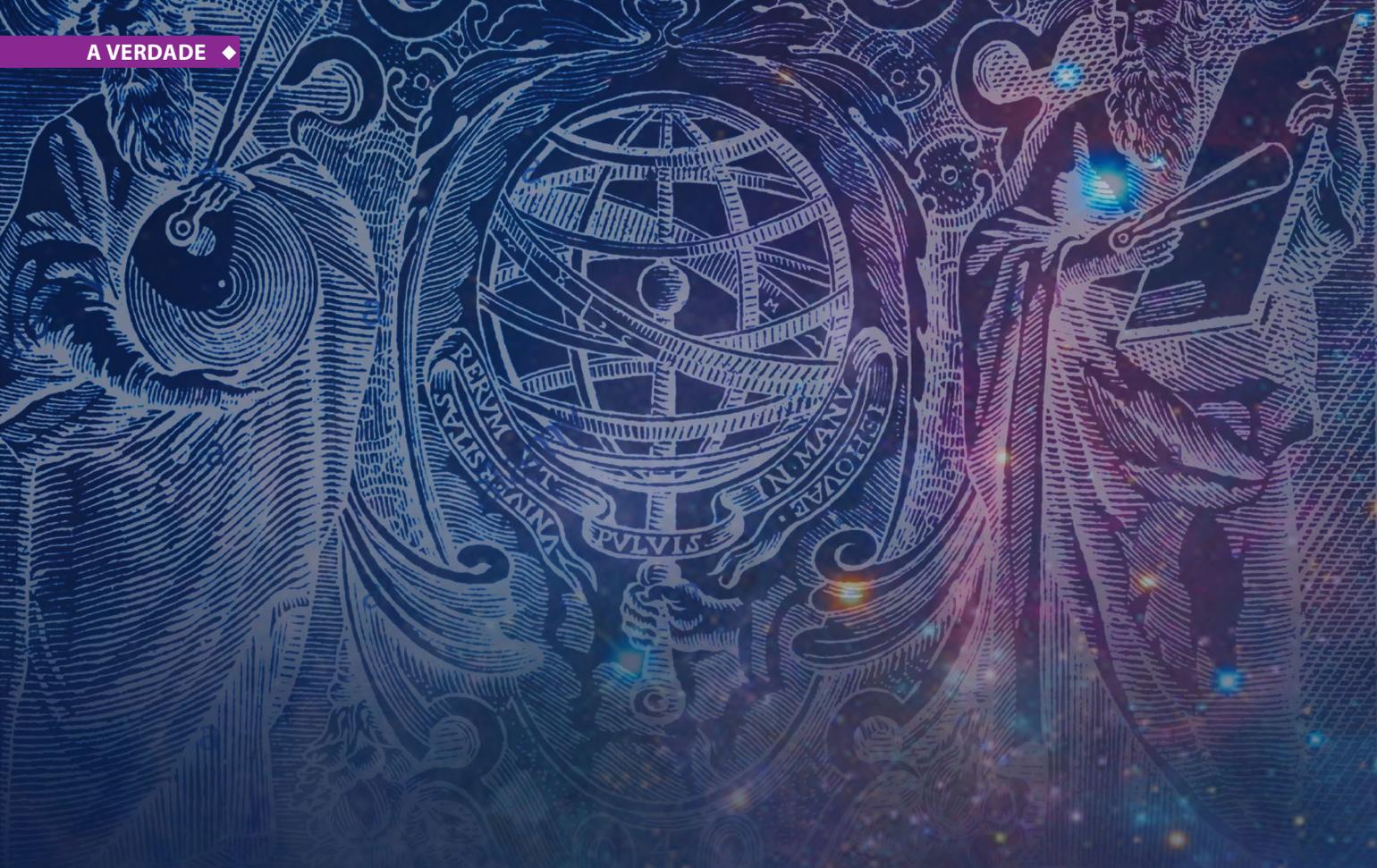
Ao iniciar os estudos dos modelos cosmológicos, encontramos registros de uma diversidade de ideias, teorias que ajudaram a construir a compreensão do que hoje entendemos como Universo. Mesmo que ainda possamos questionar inúmeras coisas quando olhamos para o céu e observamos as estrelas, cabe revisitarmos o passado e aqueles que contribuíram de maneira relevante ao longo da história.

Os primeiros modelos cosmológicos são registrados com datas de 4.000 a.C., aproximadamente, pois já haviam associações entre a passagem do tempo e os movimentos dos astros no céu (Sumérios e Caldeus). Na Mesopotâmia, há cerca de 2.500 a.C., já havia a elaboração dos primeiros calendários lunares, nos quais o ano equivalia a 354 dias. Entre os modelos e contribuições de calendários, vale destacar o elaborado por Hiparco de Niceia (190 a.C. – 120 a.C.), que em seus estudos e observações considerava as afirmações do pré-socrático Aristarco de Samos feitas em 280 a.C., aproximadamente. Hiparco concluiu que a duração de um ano teria 365 dias mais 1/4 de dia. Como Hiparco foi um renomado astrônomo da antiguidade, contribuiu significativamente para a ciência ao elaborar um dos primeiros catálogos de estrelas.

“No ano de 134 a.C. Hiparco de Niceia detectou o surgimento de uma nova estrela na constelação de Escorpião. Essa estrela aumentou seu brilho rapidamente, passado algum tempo, desapareceu e nunca mais foi vista.” (Delbem, 2010, p.144)

Seu minucioso registro seguia a posição e a magnitude do brilho de cerca de 850 estrelas. O brilho era classificado em uma escala invertida que variava de 1 a 6, onde maior magnitude indicava menor luminosidade. Essa valiosa padronização, introduzida por ele, perdura até os dias atuais.

Aristarco de Samos (310 a.C. – 230 a.C.) pode ser considerado o primeiro a propor que a Terra se movia em torno do Sol, muito antes do que futuramente iria propor Nicolau Copérnico, e em seus estudos conseguiu medir e ter uma noção do tamanho do Sol e da Lua em comparação à Terra. As conclusões de Aristarco sobre a organização do Sistema Solar, embora possam ser fundamentadas em simplicidade, continuam a despertar admiração até os dias atuais, graças à sua notável coerência. Pode-se afirmar que Aristarco ousou desafiar as concepções tradicionais ao sugerir que todos os planetas, incluindo a Terra, orbitavam ao redor do Sol. Esse audacioso modelo heliocêntrico do Universo, embora impressionante, não foi recebido com unanimidade. Pelo contrário, o autor enfrentou



acusações de insulto religioso na época. Apesar disso, a controvérsia que o cercou não se mostrou tão avassaladora quanto àquela que futuramente abalaria nomes ilustres como Copérnico, Kepler e Galileu, quase que dois milênios depois. Aristarco, assim, deixou sua marca na história da ciência com ideias precursoras e que desafiaram os paradigmas de seu tempo.

Modelo Aristotélico

O modelo geocêntrico afirmava que a Terra, completamente imóvel, estaria no centro do Universo. No modelo cosmológico proposto por Aristóteles, havia a seguinte estrutura dos planetas: Terra no centro, Marte, Saturno, Mercúrio, Vênus e Júpiter. A Lua “próxima” da Terra, o Sol girando entorno dos planetas, o Universo sendo fixo e imutável e as estrelas fixas. No Cosmos há dois tipos de moradas: morada humana e morada celeste – lembrando que na morada humana é constituída e composta pelos quatro elementos.

Em resumo, a visão predominante de Aristóteles sustentava que a Terra ocupava o centro do Universo, com nove esferas celestes orbitando ao seu redor, sendo a primeira delas a Lua.

Modelo Ptolomaico

No início da Era Cristã, o astrônomo grego Cláudio Ptolomeu (90-168 d.C.) desenvolveu um modelo também geocêntrico que foi mais bem-sucedido na sua explicação do movimento retrógrado dos planetas. Segundo esse modelo, a Terra não estaria no centro do Universo, como nos modelos e teorias anteriores. Em uma de suas obras e estudos, Ptolomeu descreveu um intrigante cenário onde as estrelas seriam fixas em uma esfera celeste, girando em torno da Terra, e os demais corpos celestes, incluindo a Lua e o Sol, seguiriam órbitas circulares ao redor dela. Sua obra também trouxe uma inovação muito relevante e notável ao descrever as trajetórias dos planetas, utilizando uma combinação de círculos

denominados Deferentes e Epiciclos. As suas concepções se sustentaram durante 14 séculos, pelo menos, de modo que o esquema ptolomaico foi o mais aceito ao longo do tempo.

Modelo Copernicano

O modelo aristotélico do Universo foi considerado por muitos séculos, chegando à Idade Média por meio das concepções de Ptolomeu, que de alguma forma derivava da teoria de Aristóteles. Um ponto que deve ser muito bem observado são as ideias de separação entre o mundo terreno e o mundo celeste, ou divino, que foram muito bem aceitas pela Igreja Romana (Católica), garantindo assim vida longa ao geocentrismo.

A existência da observação celeste passa a ser muito mais frequentes e precisa, levando aqueles que são conhecidos hoje como astrônomos da Idade Média a introduzir modificações no modelo ptolomaico, com inclusões de novas esferas e movimentos que tornavam o modelo cada vez mais complexo, dificultando o entendimento. A forte influência da Igreja não conseguiu impedir as críticas e contestações, bem como o surgimento das novas ideias.

Copérnico, nascido em 19 de fevereiro de 1473, na cidade de Torun, na Polônia, dá início ao curso de Medicina na Universidade de Cracóvia (Polônia), em 1491. Posteriormente, na Universidade de Bolonha, na Itália, cursa Direito Canônico, estabelecendo grandes relações dentro da Igreja Católica. Ao mesmo tempo, se aprofunda nos estudos de matemática, filosofia e astronomia. Tem contato com os trabalhos do grego Aristarco de Samos. Para a melhor observação dos astros, Copérnico inventa vários instrumentos e desenvolve a teoria matemática que passou a usar cálculos com base no sistema heliocêntrico.

Com as ideias gregas de perfeição, Copérnico viu no modelo de Aristarco uma explicação para algumas das observações astronômicas, sem que tivesse que se sustentar na ideia ptolomaica. Desenvolve uma tese de que a Terra e os demais corpos giravam ao redor do Sol em trajetórias circulares e chamou as esferas de orbes. Somente a Lua se moveria ao redor da Terra. Dentro desse modelo, findava as ideias de estrelas fixas, semelhantes aos modelos de Aristóteles e Ptolomeu.



Copérnico desenvolveu um sistema bem compreensível, no qual o Sol estaria no centro, fixo e imóvel. Em volta dele, girariam os seis planetas até então conhecidos, e a Lua giraria ao redor da Terra. Já a Terra giraria ao redor de seu próprio eixo, em um período de 23 horas e 56 minutos, e a sucessão de dias e noites seria uma consequência desse movimento de rotação. Cada planeta teria um período de translação diferente, e, quanto mais distante do Sol, maior seria esse tempo. Com o seu modelo, Copérnico foi capaz de calcular com grande precisão as distâncias plane-

tárias e o tempo necessário para cada planeta dar uma volta no Sol. (UFMG, 2021)

Em seu primeiro livro, *Pequeno Comentário sobre as Hipóteses de*

Constituição do Movimento Celeste, suas teorias passam a ser cada vez mais conhecidas, embora os comentários tenham sido adiados por conta do medo das reações da Igreja Católica. No livro *As Revoluções dos Orbes Celestes*, afirma que o Sol é o centro de tudo. Mesmo que a Terra, em suas teorias, não ocupasse o centro do Universo, suas ideias e crenças quanto à perfeição divina continuaram as mesmas. Colocando a Terra em posição secundária, essa ideia era contrária às afirmações da época, e suas concepções serviram de base para cientistas como Galileu Galilei, Johannes Kepler e Isaac Newton.

Conclusão

Os estudos dos modelos cosmológicos ao longo da história revelam uma importante diversidade de ideias e teorias que ajudaram a construir nossa compreensão do Universo. Enquanto observamos o céu e suas estrelas, somos levados a refletir sobre o passado e os notáveis contribuintes que moldaram uma visão astronômica.

Desde os primeiros registros datados por volta de 4.000 a.C., quando as associações entre tempo e movimentos celestes já eram estabelecidas pelos povos antigos, até os avanços de astrônomos como Hiparco de Niceia, que desenvolveu uma série de estudos, a jornada do conhecimento cósmico tem sido incessante.

Ao longo dos séculos, os modelos cosmológicos passaram por transformações significativas e o surgimento de novas ideias tornou-se inevitável. Nesse contexto, destaca-se Nicolau Copérnico, cujas ideias revolucionárias desafiaram a visão geocêntrica predominante. Copérnico abriu caminho para uma nova era na astronomia. Seus estudos, embora inicialmente enfrentassem os



questionamentos e receios da Igreja Católica, ganharam cada vez mais reconhecimento.

Assim, a saga da busca pelo entendimento do Universo continua, com cientistas e astrônomos inspirados pelo legado dos pioneiros que ousaram olhar para os céus e desvendar os mistérios cósmicos. Enquanto prosseguimos, revisitando o passado e honrando aqueles que contribuíram de maneira relevante ao longo da história, avançamos com profunda e humilde admiração, sabendo que ainda há muito a explorar e descobrir no vasto Universo que nos cerca neste plano. ◆

Referências

- ANGIONI, L. *Aristóteles: Física I-II*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- DELBEN, N. F. *Introdução matemática aos modelos cosmológicos*. 2010. Dissertação (Mestrado em Matemática Universitária). Unesp, Rio Claro.
- GUIMARÃES, Cristhian G. B. *Hiparco de Nicéia (190 a.C -120 a.C.)*. In Unicentro Paraná - GPET Física. Disponível em: <https://bit.ly/47UmIk7> (acesso em 29/07/2023).
- OLIVEIRA, Catarina. *Nicolau Copérnico*. In InfoEscola, disponível em: <https://bit.ly/3PjP3ta> (acesso em: 29/07/2023).
- OLIVEIRA FILHO, Kepler S. *Astrometria*. In Departamento de Astronomia do Instituto de Física da UFRGS. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3YYzmKT> (acesso em 29/07/2023).
- RIBEIRO JR., Wilson A. *Cláudio Ptolomeu*. In Portal Grécia Antiga. Disponível em: <https://bit.ly/3QZVcM8> (acesso em 29/07/2023).
- RIOGA, Letícia. *Geocentrismo e Heliocentrismo*. In Espaço do Conhecimento UFMG. Disponível em: <https://bit.ly/44rFRY1> (acesso em 29/07/2023).
- SAMOS, Aristarco. *Sobre os tamanhos e as distâncias do Sol e da Lua*. Traduzido e editado por Rubens E. G. Machado, Santiago, 2016.
- Ser Protagonista* - Obra Coletiva concebida, desenvolvida e produzida por SM; - 2.ed. São Paulo: Edições 2013.
- VIOLATTI, Cristian. *Hipparchus of Nicea*. In World History Encyclopedia. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3Pjw1BJ> (acesso em 29/07/2023).

Entre Espíritos, Estrelas e Sociedades: REFLEXÕES SOBRE A JORNADA MAÇÔNICA

Irmão Névio Guilherme dos Santos Burgos
Loja Portal da Luz, 646, Oriente de Guaratinguetá

O ser humano sempre esteve em busca do conhecimento, tentando compreender o mundo e o Universo em que vive. Essa busca incansável fez com que diferentes filosofias e ciências fossem desenvolvidas ao longo da história, como as apresentadas nas obras *No Invisível*, de Léon Denis; *Cosmos*, de Carl Sagan; e *O Contrato Social*, de Jean-Jacques Rousseau. Este ensaio busca estabelecer uma relação entre essas obras e a jornada do Aprendiz na Maçonaria, a fim de refletir sobre a busca pelo conhecimento e seu papel na formação do indivíduo e da sociedade.

Léon Denis, em *No Invisível*, explora o mundo espiritual e suas interações com o mundo material. Esse conhecimento espiritual, segundo o autor, é essencial para o desenvolvimento moral e intelectual do ser humano, pois permite que ele compreenda seu lugar no Universo e a responsabilidade que tem como parte integrante deste.

Já em *Cosmos*, Carl Sagan nos convida a refletir sobre a imensidão do Universo e a busca da humanidade pelo conhecimento científico. A obra demonstra como a ciência, através da observação e da experimentação, é capaz de revelar os mistérios do Cosmos e o lugar que ocupamos dentro dele.

Por outro lado, *O Contrato Social* de Rousseau aborda questões políticas e sociais, propondo uma reflexão sobre a necessidade de uma nova forma de organização social baseada no bem-estar coletivo e na liberdade individual. O filósofo defende a ideia de que os seres humanos possuem direitos naturais que devem ser respeitados e protegidos pela sociedade e pelo Estado.

Essas três obras, embora aparentemente distintas, possuem uma relação íntima com a jornada do Aprendiz na Sublime Ordem. A Maçonaria, uma organização fraternal que preza pela busca do conhecimento, enfatiza a importância do desenvolvimento intelectual, moral e espiritual de seus membros.

A jornada do Aprendiz na Maçonaria começa com o reconhecimento da própria ignorância e a vontade de aprender. É um processo de autoconhecimento e crescimento pessoal que busca desenvolver habilidades e valores importantes para a vida em sociedade, como a fraternidade, a tolerância e a justiça.

O Aprendiz Maçom é incentivado a buscar o conhecimento em diferentes áreas, como a filosofia, a ciência e a espiritualidade. Isso é evidente na relação entre as obras mencionadas e a Maçonaria, que valoriza a interdisciplinaridade e a importância de compreender o mundo em suas múltiplas dimensões.

A obra de Léon Denis é especialmente relevante para a formação espiritual do Aprendiz, pois oferece uma perspectiva sobre a vida e o universo que transcende o materialismo científico. Para Denis, a busca pela verdade não se limita ao plano físico, mas deve também explorar o mundo invisível que nos rodeia.

A jornada do Aprendiz na Maçonaria também valoriza a busca pelo conhecimento científico, como exemplificado na obra *Cosmos*, de Carl Sagan. A ciência é vista como uma ferramenta fundamental para o progresso humano e para o entendimento de nosso lugar no Universo. Sagan destaca a importância do ceticismo e do pensamento crítico, que são valores centrais na Maçonaria.

Além disso, a obra *O Contrato Social*, de Rousseau, oferece uma perspectiva sobre a organização política e social, elementos importantes na formação do Aprendiz Maçom. A Maçonaria busca promover a ideia de uma sociedade justa e equilibrada, na qual os direitos e deveres de cada indivíduo são respeitados e valorizados.

Ao longo da jornada, o Aprendiz é incentivado a desenvolver um pensamento crítico e questionador, sempre em busca da verdade e da sabedoria.

Essa atitude é fundamental para o crescimento pessoal e para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

A Maçonaria, assim como as obras citadas, enfatiza a importância da educação e do conhecimento como pilares para o desenvolvimento humano. É por meio do conhecimento que o indivíduo pode se libertar de preconceitos e ignorância, alcançando uma compreensão mais profunda de si mesmo e do mundo que o rodeia.

A jornada do Aprendiz na Maçonaria também busca promover o autoaperfeiçoamento e a transformação pessoal. O Aprendiz é desafiado a superar suas limitações e a desenvolver virtudes como a humildade, a perseverança e a honestidade.

O caminho do Aprendiz não se limita ao âmbito individual, mas também se estende à comunidade e à sociedade como um todo. A busca pelo conhecimento e pelo autoaperfeiçoamento contribui para a construção de um mundo mais justo, tolerante e fraterno.

A relação entre a jornada do Aprendiz na Maçonaria e as obras *No Invisível*, *Cosmos* e *O Contrato Social* destaca a importância do equilíbrio entre os diferentes aspectos do conhecimento. A formação do Aprendiz envolve tanto a compreensão do mundo espiritual, defendido por Léon Denis, quanto a busca pelo conhecimento científico, exemplificada na obra de Carl Sagan.

Ao mesmo tempo, a obra de Rousseau nos lembra da importância da política e da organização social na construção de uma sociedade mais justa e equilibrada. Essa perspectiva política e social também é fundamental na formação do Aprendiz Maçom.

A Maçonaria, ao incentivar a busca pelo conhecimento e a reflexão sobre as obras mencionadas, promove a formação de indivíduos mais conscientes e responsáveis. Essa formação abrangente



permite que o Aprendiz Maçom seja capaz de atuar de forma positiva na sociedade, contribuindo para o progresso e o bem-estar coletivo.

O caminho do Aprendiz na Maçonaria é, portanto, uma jornada que busca a integração do conhecimento filosófico, científico e espiritual, sempre com o objetivo de promover o desenvolvimento integral do indivíduo e o aperfeiçoamento da sociedade. Essa abordagem holística reconhece a importância de abraçar diversas perspectivas e áreas do conhecimento para alcançar uma compreensão mais ampla e profunda da realidade que nos rodeia.

Em conclusão, a jornada do Aprendiz na Maçonaria é uma busca incessante pelo conhecimento e pelo autoaperfeiçoamento, inspirada pelas obras de Léon Denis, Carl Sagan e Jean-Jacques Rousseau. Ao valorizar o equilíbrio entre o conhecimento espiritual, científico e político-social, a Maçonaria oferece um caminho para o desenvolvimento de indivíduos mais conscientes e responsáveis, capazes de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e equilibrada.

A Maçonaria, enquanto instituição iniciática e filosófica, oferece um caminho que busca harmonizar a sabedoria ancestral com o conhecimento contemporâneo, promovendo o desenvolvimento integral do ser humano com a diversidade de perspectivas que enriquecem e iluminam a trajetória do Aprendiz Maçom.

Ao longo dessa jornada, o Aprendiz Maçom é encorajado a refletir sobre o papel do indivíduo e da sociedade, a conexão com o Universo e o Cosmos e a responsabilidade inerente a cada ser humano de contribuir para o progresso moral e espiritual da humanidade. Essa busca incansável pela verdade, iluminação e compreensão, tão bem representada nas obras de Léon Denis, Carl Sagan e Jean-Jacques Rousseau, é a essência da experiência maçônica e a chave para desvendar os mistérios do mundo e da vida. ◆

Referência Bibliografia

DÉNIS, Leon. *No invisível*. São Paulo: Editora Edicel, 2017.

GLESP. *Ritual do Grau de Aprendiz Maçom*. 9ª Edição. São Paulo, 2012.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O Contrato Social: Princípios do Direito Político*. São Paulo: Editora Edipro, 2011.

SAGAN, Carl. *Cosmos*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.



O QUE A MACONARIA PODE FAZER PELA JUVENTUDE

Irmão Mauro Hermógenes Lopes Covre
Loja Luz e Trabalho, 144 – Oriente de Ilha Solteira

“Lamentar aquilo que não temos é desperdiçar aquilo que já possuímos.” (Lao Tsé)

Na edição nº 294, Ano XXX - Novembro 1981, da revista *A Verdade*, o irmão Frank Crane, em artigo intitulado “Juventude”, transcreveu um texto publicado na revista argentina *Símbolo*. A referida compilação tratava justamente da juventude:

“A juventude não é uma época da vida, é um estado de ânimo. Não é questão de faces rosadas, lábios encarnados e articulações flexíveis, é um temperamento da vontade, uma qualidade da imaginação, um vigor das emoções. É o frescor da primavera profunda da vida. Juventude significa o predomínio do valor sobre a timidez no caráter, do apetite de aventura sobre o amor ao ócio. Isto, a miúdo, existe mais em um homem de 50 anos do que em um de 20. Ninguém envelhece por ter vivido um número determinado de anos. Só se envelhece quando se abandona os ideais. Os anos enrugam a pele, porém, só o abandono do entusiasmo enrugam a alma. O pesar, a dúvida, a própria desconfiança, o medo ao desespero, são os anos que encurvam o coração e conduzem o espírito florescente às sombras. Quer se tenha 16 ou 60, sempre existe em cada coração humano o impulso à maravilha, o suave assombro ante as estrelas, o desafio aos acontecimentos, o apetite infantil e jamais desmentido pela alegria de viver. É-se tão jovem quanto sua fé, tão velho quanto sua dúvida; tão jovem quanto a confiança em si mesmo, tão velho quanto seu temor; tão jovem quanto sua esperança, tão velho quanto seu desespero. No centro do coração, há uma árvore florescente: chama-se amor. Enquanto essa árvore tiver flores, o coração é jovem. Se ela morre, ele se torna velho. No centro do coração, há uma rádio emissora. Enquanto ela transmitir mensagens de beleza, esperança, alegria, grandeza, valor e poder, desde a terra, desde o homem, desde o infinito, seu possuidor é jovem. Porém, quando essa estação deixa de funcionar e o centro do coração se cobre com as neves do egoísmo e o gelo do pessimismo, então a pessoa torna-se velha, ainda que tenha 20 anos. Nesse caso, Deus tenha piedade de sua alma.”

As preocupações que afligem o mundo e, principalmente, a nós, maçons, são com o futuro da juventude, que está sendo preparada para assumir as responsabilidades de continuar os trabalhos para tornar feliz a humanidade, para governar, para garantir a paz e a união entre os povos, o que é de importância primordial para o futuro das nações, das instituições, da segurança e da preservação da humanidade.





E nós, maçons, temos de nos dedicar à essa questão. Mormente termos as nossas paramaçônicas para acolher e, de certa forma, doutrinar os jovens para o futuro que os aguarda e em constante transformação e evolução, não devemos nos descuidar, nos acomodar e aguardar o tempo passar. É preciso que tenhamos um olhar mais aguçado sobre o futuro que se avizinha, que surge com inovações e criações cada vez mais inimagináveis, as quais propiciam à juventude uma gama incomensurável de informações, de possibilidades e de conhecimento num pequeno espaço de tempo para se moldarem de acordo com o momento.

Estamos retrocedendo aos primórdios da civilização, embora os avanços tecnológicos inigualáveis, progressos em todos os campos da ciência, da tecnologia da informação e os recursos de que a humanidade dispõe para essa juventude que está por vir. Jovens que serão os substitutos naturais de cada um de nós.

O fato é que, se não nos movimentarmos, não nos renovarmos e não acompanharmos o processo evolutivo, ficaremos estagnados e parados no tempo e no espaço diante da velocidade dessas transformações, para as quais não podemos deixar de ter um olhar atento, principalmente no que tange à renovação de nossos quadros de obreiros, hoje envelhecido. Como exemplo, posso citar a minha loja, cuja média de idade hoje (julho/2023) é de 63,5 anos.

Seria a catástrofe total da nossa juventude, inclusive de nossos filhos, a quem confiamos e sonhamos um futuro maravilhoso e um mundo melhor, para as futuras gerações de homens voltados para

o bem comum e a felicidade do gênero humano, algo ainda, inatingível, pois, não estamos numa evolução em implantação.

É imperioso que encetemos um movimento de âmbito nacional e internacional, se possível, através de todas as Instituições Maçônicas, através das Potências legítimas e legais, um alerta para que todos venham em socorro desse futuro para a juventude, hoje desorientada, tal qual milhares de almas sem guarida espiritual, sem apego ao próximo, sem amor ao Grande Arquiteto do Universo.

Urge orientá-las seguindo os fartos ensinamentos contidos em nossos rituais, símbolos, alegorias e lendas, um chamamento às nossas obrigações maçônicas de educar, de orientar e de encaminhar para uma vida justa e perfeita todos que estão à nossa volta ou não. Somos os construtores sociais a alicerçar o futuro para as novas gerações de jovens que estão um pouco ali atrás e que serão os líderes do amanhã.

“Nossa juventude adora o luxo, é mal-educada, caçoa da autoridade e não tem o menor respeito pelos mais velhos. Nossos filhos hoje são verdadeiros tiranos. Eles não se levantam quando uma pessoa idosa entra, respondem a seus pais e são simplesmente maus.” (Sócrates, 470 – 399 a.C.)

Em um vaso de argila descoberto nas ruínas da Babilônia (atual Bagdá), com mais de 4 mil anos, estava a seguinte inscrição: *“Essa juventude está estragada até o fundo do coração. Os jovens são malfeitores e preguiçosos. Eles jamais serão como a juventude de antigamente. A juventude de hoje não será capaz de manter a nossa cultura.”*

Não são ou estão atuais esses escritos de tão remoto tempo? Algo diferente daquilo que estamos vivenciando em nossa atualidade? Entendo que não, porém, nós passamos por essa fase e estamos aqui preocupados com o futuro da nossa juventude, em como poderemos

dar-lhe as condições necessárias para transpor esse período.

Se me perguntassem o que mais desejaria em favor de meus filhos e netos, para a minha tranquilidade, para que eu pudesse morrer em paz, eu responderia: ter a certeza de uma juventude condigna, trilhada e educada dentro dos princípios da moral, da ética, do respeito, do amor ao próximo, sem vícios, com uma conduta incorruptível, para que os jovens estivessem aptos e preparados para assumir as responsabilidades que as gerações de anciões, com toda sua competência, conhecimento acumulado, experiência e sabedoria ao longo de uma vida laboriosa possam deixar como legado para a juventude que está por vir.

Estou certo que essa é, também, a preocupação de muitos pais e irmãos. Declaro isso como um desabafo da minha angústia ante aos inúmeros acontecimentos estarrecedores que temos tido conhecimento e acompanhado ao derredor do planeta. Número crescente de suicídios, de abandono de si próprio, de afastamento da família e de Deus, de isolamento, de entrega desmedida ao vício, de desesperança e de desamor.

A Maçonaria Universal, à ordem e sob os auspícios do Grande Arquiteto do Universo, à qual pertencemos e que jamais se omitiu nos momentos de caos, não regateará a esse apelo justo e necessário, sem que haja mudanças estratégicas e de postura daqueles que a governam e detêm as condições de iniciar essa cruzada de preparação das futuras gerações. Mesmo com suas paramaçônicas voltadas para a juventude (Ordem DeMolay, Filhas de Jó, Abelhinhas das Filhas de Jó, Ordem Arco-íris, Lowtons, Escoteiros e Escudeiros), são necessárias a sua valorização dentro de cada Potência e a participação efetiva dessa juventude que clama e precisa de orientação e conhecimento.



Percebo na juventude inteligentes manifestações de reconhecimento e fé no Grande Arquiteto do Universo, através de canções populares, forjadas conforme a concepção de cada um, que nada mais são que o clamor de uma juventude sem objetivo, preterida e à mercê da própria sorte, pois muitos estão vivendo em lares esfacelados pelo egoísmo, pela dissidia, pelo adultério, pela inexistência de diálogo, pelo vício e pelo desamor entre todos, verdadeiros órfãos de pais vivos. Pais que não possuem a mínima consideração, o mínimo respeito, o mínimo amparo, nem a dignidade de assumirem suas responsabilidades no ambiente familiar.

Sabiamente disse um certo irmão que a juventude se distancia cada vez mais do Livro da Lei, fonte inesgotável de ensinamentos, de amor e corretivo para que os nossos procedimentos não se direcionem para os vícios e os erros, sempre disponíveis e com facilidades para encontrá-los e cometê-los.

Faz-se mister uma fórmula de conciliação, que se desça do pedestal para diálogos igualitários, mais facilidades de identificação entre os mesmos, daí, atingirmos os sublimes objetivos da Maçonaria, lapidando a pedra bruta e tornando feliz a humanidade.

A Maçonaria combate a ignorância sem exterminar os ignorantes, instruindo-os e orientando-os, porque a alma humana é imperfeita, cercada de vícios e perigos, fruto da ignorância inata de cada um de nós, mormente os jovens ainda em formação cultural, intelectual e espiritual. Ela não salva pecadores, não cura o alcoólatra, não corrige maridos infieis, não torna pessoas e políticos desonestos em símbolos de honestidade nem recoloca no caminho da virtude os desregrados e desafortunados do respeito, da moral e da ética. Na verdade, a Maçonaria estabeleceu suas regras e os seus costumes de tal forma, com tamanha sabedoria, que é para deixar esses do lado de fora de seus templos e à mercê de suas próprias escolhas.

Devemos cientificar os jovens que o caráter define o homem, a inteligência induz ao raciocínio e nesse conjunto está a elegância moral do espírito, da caridade, da fraternidade, da virtude, do respeito e de uma conduta ética e moral dentro da sociedade em que estão inseridos, na qual deverão, num futuro não muito distante, estar ocupando posições e influência, de liderança e de espelho para os que seguirão a eles.

Entendo que só a Maçonaria, essa força poderosa, dignificante, evolutiva e moralmente perfeita, espalhada pela face da terra, que não obstante os milênios de sua existência, não fez senão fortalecer o conceito perante a humanidade, poderia tanger o destino da juventude conturbada do mundo atual, através do diálogo franco e sincero, concitando os jovens ao reconhecimento da moral, da ética, da virtude e da razão, que o trabalho tem como prêmio o direito de viver e dá-lhe na medida de seus esforços a capacidade de aprender e ensinar.



Mesmo com a utilização das paramaçônicas, o que tenho percebido e acompanhado é ainda insipiente o aproveitamento dos jovens em nossos trabalhos. Mesmo que Potências criem programas específicos para os homens, principalmente, ainda assim há muito que aprendermos, que mudarmos nossas posturas e, principalmente, darmos abertura e mais espaço para esses jovens. As mulheres têm também seu espaço junto à Ordem Estrela do Oriente, porém, ainda limitado àquelas que possuem parentesco com maçom regular.

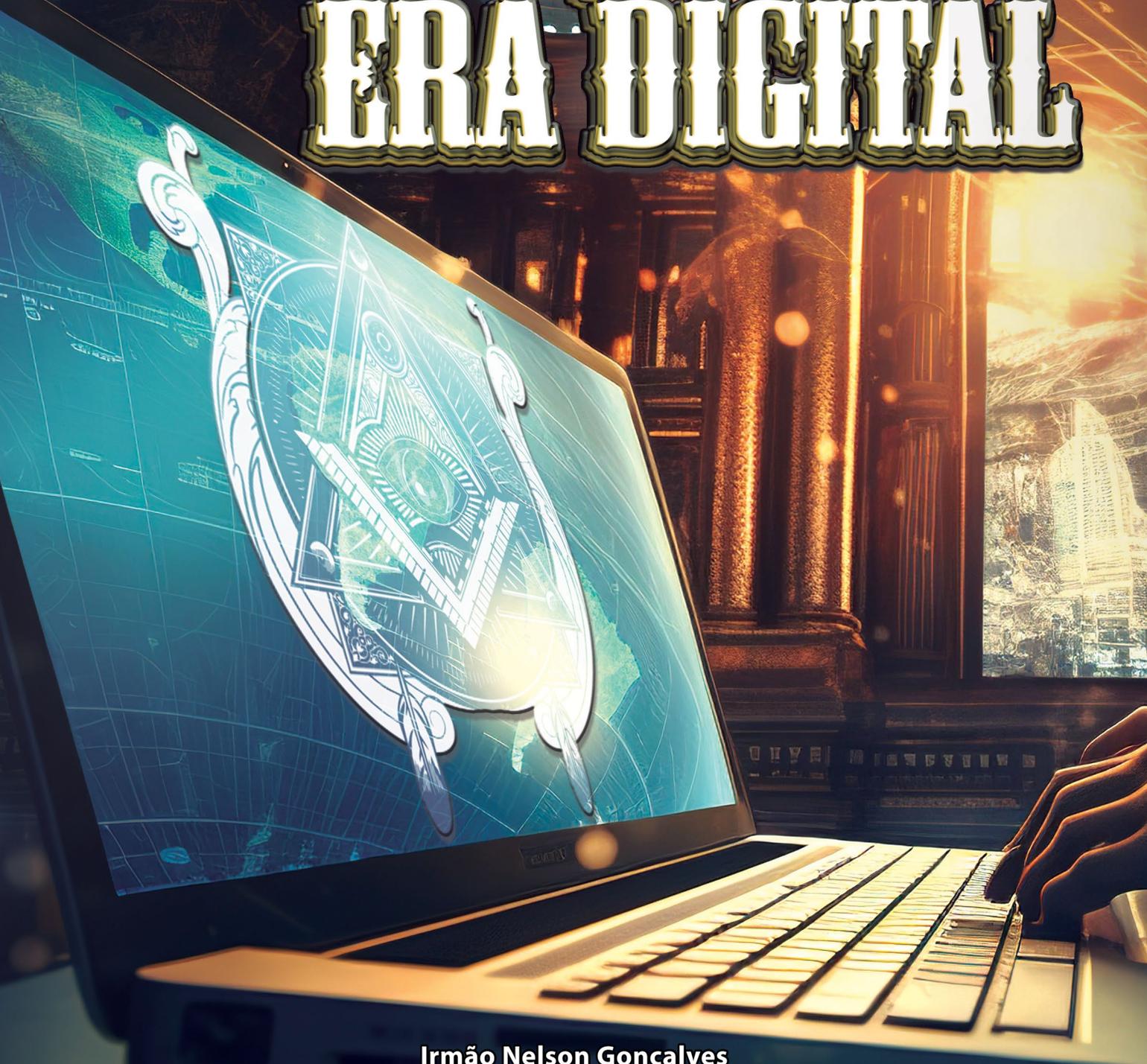
De certa maneira, precisamos dar a oportunidade à juventude da redescoberta da Maçonaria, de seus princípios, de seu livre arbítrio, da busca constante e livre da verdade, dos princípios morais, éticos e de justiça. Ressaltando que a mesma é uma Ordem Universal que acolhe homens de todas as raças, credos e nacionalidades, os quais, por meios e métodos racionais, alicerçados na interpretação de símbolos, lendas e alegorias, estudam e trabalham para a construção de uma sociedade humana mais fraterna, mais caridosa, mais solidária e mais justa e perfeita.

Tentei externar com meus argumentos, embora descoloridos, porém, atendendo aos ditames do meu coração e da minha preocupação – a qual, imagino, não é só minha, mas sim de tantos outros –, acerca do destino da nossa juventude, dos nossos sucessores, fazendo um apelo para que se atentem para a gravidade do desfecho que se aproxima, lançando um grito de alerta a todos os que são livres e de bons costumes, que venham ao encalço daqueles aos quais tudo de bom esperamos para a Glória do Grande Arquiteto do Universo, que são os nossos jovens. ◆

Fontes de pesquisas e estudos

- 1 - A Verdade, Ano XXX, nº 294, novembro 1981. “Juventude” (Irmão Frank Crane).
- 2 - A Verdade, Ano XXIX, nº 286, fevereiro 1981. “O consumo de entorpecentes pela juventude”.
- 3 - A Verdade, Ano LXIV, nº 525, março/abril 2018. “Maçonaria sustentável: uma reflexão sobre tradição e juventude” (Irmão Samir Cury).
- 4 - A Verdade, Ano XXIII, nº 324, maio 1985. “O consumo de entorpecentes pela juventude e suas consequências” (Irmão Vicente Lourenço).
- 5 - A Trolha, Ano XVII, nº 32, novembro/dezembro 1987. “O desafio da Juventude” (Irmão Luiz Gonzaga Bittencourt).
- 6 - A Trolha, Ano XX, nº 48, julho/agosto 1990. “Juventude e drogas” (Irmão Gilberto A. M. Bellini).
- 7 - A Trolha, nº 334, agosto 2014. “Maçonaria e Juventude” (Acervo do irmão Xico Trolha).
- 8 - A Trolha, nº 369, julho 2017. “Juventude e Maçonaria: uma vivência e um prognóstico” (Irmão André Vitor da Rosa).
- 9 - HODDAP, Christopher. *Maçonaria para Leigos*. Alta Books Editora, 2016.
- 10 - GLESP. *Ritual do Simbolismo do Aprendiz Maçom*. Novembro de 2017.

OS MAÇONS NA ERA DIGITAL



Irmão Nelson Gonçalves

Loja Aprendizes do III Milênio, 526 - Oriente de São José do Rio Preto

As redes sociais constituem fruto da globalização e da evolução no compartilhamento de informações. E os maçons e a Maçonaria, evidentemente, não podem ficar de fora do uso dessas ferramentas. Mas tem que saber usar para não cair em erros e nas armadilhas de quem se aproveita da boa intenção dos irmãos incautos.

O problema das tecnologias e modernidades não está no uso, mas no seu mau uso. As redes sociais se constituem em hábito presente na vida de todos nós, atraindo cada vez mais e mais usuários. Não se trata de modismo, mas de comportamento definitivamente incorporado na vida de um número cada vez maior de pessoas, inclusive dos maçons, dos Aprendizes ao Grão-Mestrado.

O aplicativo WhatsApp, esta ferramenta fantástica de comunicação, aproximação e estreitamento de laços, tem, frequentemente, provocado exatamente o contrário. WhatsApp vem da expressão em inglês *What's up*, substituindo “up” por “app” (de *application program*). Traduzida para o português a expressão pode significar: “E aí?”, “O que está acontecendo?”, “Qual é o problema?”. O aplicativo tem esse nome justamente para compreendermos sua missão.

A plataforma destina-se a mensagens rápidas, claras, objetivas e direcionadas. Mas sejamos sinceros: existem, na maioria dos grupos, desvirtuamentos. Vemos irmãos postando imagens e textos sobre futebol para os grupos criados sob o tema “Filosofia”, grupos de lojas maçônicas com cenas de nudez, grupos de hospitalaria onde o assunto predominante é política partidária.

E sem falar no mais grave de tudo: maçons esparramando notícias falsas, as chamadas *fakes* que se espalham feito rastilho de pólvora pelas redes sociais. Vivemos a era da explosão das notícias falsas. São informações perigosas. Podem destruir reputações, causar prejuízos. Pior ainda, podem influenciar opiniões, decisões ou eleições.

O promotor e irmão Sérgio Clementino escreveu recentemente num artigo que “o ser humano tem uma necessidade quase atávica de trazer uma novidade que ninguém ainda sabe, principalmente quando causa impacto”. É prazer de dar o “furo da notícia”, sem medir consequências antes de divulgar a informação, sem checar sua veracidade.

Muitas pessoas, inclusive nossos irmãos, na ânsia de querer contar uma novidade primeiro e de receber atenção por isso, acabam por espalhar meias-verdades ou mentiras inteiras.

Existe hoje no Brasil e no mundo uma verdadeira “indústria de boatos”. Espertalhões, criminosos na verdade, especialistas em produzir boatos para vender produtos, prejudicar a concorrência, aviltar a imagem de adversários ou, de alguma forma, se beneficiar com a mentira espalhada.

E é inadmissível que maçons repliquem notícias falsas, repetindo informações feito um papagaio, que não pensa. É obrigação de todo maçom saber, conhecer e praticar os filtros das chamadas “Três Peneiras de Sócrates”: Verdade, Bondade e Necessidade.

Antes de postar ou replicar uma informação, pergunte para si mesmo: Será verdade isso? Se não tiver certeza, não repasse. Suponhamos que seja verdade. Deve-se então passar pela segunda peneira: a **Bondade**. O que está repassando é uma coisa boa, vai ajudar ou destruir o caminho, o destino e a fama de alguém ou de uma comunidade? Se for para prejudicar, não se deve nem pensar em repassar. Agora, se for alguma coisa boa, tem que passar ainda pela terceira peneira: a **Necessidade**. Convém contar? Resolve alguma coisa? Ajuda a comunidade? Pode melhorar o planeta?

Se passou a informação pelas peneiras ensinadas por Sócrates, conte e repasse a informação adiante. Caso contrário, esqueça e enterre tudo. Será uma fofoca a menos para envenenar o ambiente e fomentar a discórdia entre irmãos e demais pessoas do planeta.

Para evitar as *Fakes News* (notícias falsas), não se deve compartilhar manchetes sem ler a matéria. Encaminhar imagens, áudios e vídeos sem fontes seguras e confiáveis. E muito menos ainda enviar informações sem checar os fatos.

É necessário estar de olho na origem da notícia. É uma fonte idônea? Qual é o endereço dela? É inconcebível que ainda existam pessoas acreditando e repassando informações, muitas delas um verdadeiro insulto à inteligência do interlocutor, como as que alertam para “não consumir determinada bebida porque causa câncer”, sem qualquer estudo a respeito, que “encontraram um rato dentro da embalagem de algum produto”, ou que “jogam córneas no lixo num hospital ligado à Maçonaria”. São mentiras absurdas que visam destruir a imagem e reputações de algum produto ou instituição para beneficiar outros interesses. E repassar isso é sinônimo de ignorância.

O que vemos é a banalização das redes sociais com o emprego de notícias falsas, termos chulos, palavras de baixo calão,

difamações, calúnias e injúrias em acusações que não se sustentam. Com as tecnologias avançadas é tão simples conferir, em questões de segundos, se uma notícia é falsa ou verdadeira.

Basta digitar ou simplesmente copiar e colar ou até mesmo apertar o “microfoninho” que aparece no canto direito da tela – para aqueles que têm preguiça de digitar – a pergunta no Google. Instantaneamente, vem à tona milhares de páginas com informações relacionadas ao caso e, logo nas primeiras, já é possível detectar que se trata de mentira ou verdade. Também existem dezenas de sites especialistas em desmentir boatos, como o “e-farsas.com” ou “boatos.org”.

Mas, é bom que se ressalte, nem tudo está perdido. Temos também excelentes grupos, como o de maçons que utilizam o aplicativo para fazer o bem. Um deles, talvez o maior de todos, é o *Maçonaria Sem Fronteiras* (MSF), que tem como objetivo a interação plena entre irmãos, auxílio e fraternidade à hospitalaria maçônica. Hoje, são mais de 10 mil irmãos alocados em 60 grupos, espalhados por todo o Brasil e 12 países.

Os grupos são compostos por irmãos regularmente filiados às lojas de Potências Maçônicas que possuem Tratado de Amizade entre si. Buscam auxílio mútuo e aperfeiçoamento moral e ético. Para ter acesso ao grupo, são necessários a solicitação de apadrinhamento de quem já esteja no MSF e o preenchimento de um formulário, com todos os dados pessoais e maçônicos, para que, depois de checados, o irmão possa ser incluído.

As postagens de mensagens ou de pedidos no MSF em favor da família maçônica são feitas no contato particular de um dos moderadores, para que haja celeridade e padronização no seu compartilhamento. E são sempre postadas precedidas dos símbolos correspondentes (bolinhas brancas, amarelas, azuis, vermelhas e pretas), que indicam a necessidade e urgência, facilitando a leitura para os internautas.

Apesar de todas essas tecnologias, a Loja Maçônica foi, é e sempre será o espaço e o momento certo para os maçons se encontrarem, física e espiritualmente. É o local ideal para reabastecermos nossas energias, cultivando nossas tradições obreiras, utilizando-se de práticas rituais, símbolos e mitos, como verdadeiros mantras de aperfeiçoamento moral e social. ◆



AS ASPIRAÇÕES DA MAÇONARIA OPERATIVA E OS DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO



Irmão Felipe Cabral Silveira

Loja Cavalheiros da Amizade, 131 – Oriente de São José do Rio Preto

A Maçonaria Operativa antiga compreende a história dos operários medievais, construtores de basílicas, catedrais, igrejas, abadias, mosteiros, conventos, palácios, castelos, torres, casas nobres, mercados e paços municipais. Por vezes protegidos pelos papas e deles dependentes, os maçons operativos eram essencialmente católicos. Tiveram notável participação na história da Maçonaria como a conhecemos hoje e na sociedade em geral, e essa constatação tem sido um grande ponto de referência para aqueles que buscam conhecimento, desenvolvimento pessoal e aprimoramento espiritual.

A Maçonaria pode ser dividida, de forma simples e didática, em três períodos básicos:

- 1º) Maçonaria Primitiva (Antigos Mistérios);
- 2º) Maçonaria Operativa ou dos Construtores;
- 3º) Maçonaria Especulativa (atual).

A Maçonaria Operativa era organizada em guildas ou lojas, tinha uma estrutura hierárquica com um Mestre responsável por supervisionar o trabalho e instruir os Aprendizes e Companheiros.

Os operativos eram divididos em diferentes níveis, como Aprendizes, Companheiros e Mestres, e cada degrau na escada do conhecimento correspondia à parte do acesso ao aprendizado e ao aprofundamento nos princípios do seu ofício.

Conforme os construtores fossem se aprimorando na arte, cada estágio era acompanhado de juramentos e obrigações que os membros assumiam em relação à fraternidade e seus valores. Embora essas ordens tenham evoluído ao longo do tempo, é interessante notar que muitos dos princípios e ensinamentos que fundamentam essas históricas tradições ainda são indiscutivelmente de suma relevância nos tempos atuais. Neste pequeno artigo, exploraremos uma pequena amostra da importância da relação histórica entre a Maçonaria Operativa e o seu uso nos desafios do mundo contemporâneo, destacando a relevância da fraternidade, do conhecimento e da busca pela verdade nos dias de hoje.



A Fraternidade e a Comunidade

Nos primórdios da Maçonaria, ainda Operativa, com aspectos diferentes do que conhecemos hoje, já se cultivava uma forte sensação de fraternidade e pertencimento. Os então operários trabalhavam juntos na construção de templos e monumentos, desenvolvendo laços de companheirismo, confiança e colaboração.

Ainda hoje, há uma necessidade crescente de construir comunidades fortes e inclusivas, seja através de clubes de serviços, movimentos sociais, organizações não governamentais (ONGs) e grupos dos mais variados interesses, buscado sempre unir pessoas em torno de causas comuns, promovendo em sua grande maioria a solidariedade, cooperação e aperfeiçoamento pessoal.

A fraternidade sempre foi um valor fundamental das antigas ordens, servindo, mesmo que de forma inconsciente nos dias de hoje, como inspiração e fundamentação para construir uma sociedade mais unida e solidária.

A Busca pelo Conhecimento

O conhecimento naquela época também desempenhava um papel central, já que os membros eram encorajados a estudar e a se aprimorar intelectualmente. A busca incessante pelo aprendizado era vista como uma jornada contínua, um caminho para o crescimento individual e espiritual.

Em nossa atual civilização, a busca pelo conhecimento e pelo aprendizado também é valorizada, a educação formal, bem como a educação ao longo da vida, segue desempenhando um papel crucial no desenvolvimento de indivíduos mais conscientes e engajados. A valorização do conhecimento e a busca pelo desenvolvimento constante são essenciais para enfrentar os desafios complexos e em constante evolução na sociedade atual.

A Busca pela Verdade e pela Iluminação

Historicamente, a Maçonaria Operativa e outras ordens enfatizavam a busca pela verdade. Os iniciados eram incentivados a questionar e a explorar conceitos filosóficos e espirituais em sua jornada estritamente pessoal.

Nos tempos atuais, a busca pela verdade e pela ilumi-



nação continua sendo uma motivação importante, seja através da filosofia ou da espiritualidade. Visando uma compreensão mais profunda do mundo, indivíduos procuram um sentido mais elevado e uma conexão com algo maior do que eles próprios.

A Busca pelo Autoconhecimento

Uma característica fundamental dessas ordens tradicionais antigas era o incentivo à busca pelo autoconhecimento. Os iniciados passavam por rituais, estudos e práticas destinados a revelar sua verdadeira natureza e suas potencialidades.

Ainda hoje, a busca pelo autoconhecimento também é altamente valorizada, os indivíduos estão cada vez mais interessados em compreender suas próprias emoções, motivações e propósitos de vida. Seja através de práticas como a meditação, estudos filosóficos ou mesmo a psicoterapia, suas mentes são exploradas na busca de uma compreensão mais profunda de si mesmos.

O Cultivo de Virtudes

Desde o início do que hoje conhecemos por Maçonaria, o cultivo de virtudes, tais como a sabedoria, coragem, temperança e a justiça, sempre foi muito valorizado e estimulado. Essas virtudes eram consideradas fundamentais para o desenvolvimento do caráter e para a busca de uma vida significativa.

Essa ênfase nas virtudes reflete a compreensão de que elas podem nos ajudar a enfrentar os desafios da vida e a construir relacionamentos íntegros, contribuindo de forma mais efetiva na sociedade em que vivemos.

Podemos concluir nesta síntese que, embora a Maçonaria tenha suas raízes em épocas antigas, muitos dos princípios e ensinamentos promovidos desde então são indiscutivelmente relevantes, aplicáveis e utilizados nos tempos atuais.

A fraternidade, o conhecimento e a busca pela verdade são valores que transcendem o tempo e podem servir como guias para aqueles que procuram a transformação pessoal e social. Ao explorarmos os paralelos, entre essas antigas tradições e os desafios contemporâneos, podemos encontrar ensinamentos valiosos e inspiração para construir um mundo mais justo, compassivo e iluminado. ◆



A RITUALÍSTICA DA INICIAÇÃO E A CRIAÇÃO DE ADÃO: uma breve analogia com ênfase na presença dos quatro elementos

*Amizade é querer as mesmas coisas e
repudiar as mesmas coisas¹.*

Irmão Gabriel Teixeira e Silva
Loja Cavaleiros do Oriente, 529 – Oriente de Guaratinguetá

Em proêmio, antes de adentrar ao fundamento do tema deste trabalho, gostaria de levar ao conhecimento de todos que, nós, maçons, somos agentes da transformação histórica mundial. Afirmar esta com base na Teoria do Sujeito da História, elaborada pelo escritor Olavo de Carvalho², o qual fundamenta que nenhum grupo, comunidade ou entidade de qualquer natureza pode ser o agente da transformação histórica se não atender, cumulativamente, três condições, sendo elas:

- 1) possuir uma unidade real, e não apenas simbólica e analógica;
- 2) essa unidade tem de ser forte o bastante para determinar por si os valores, preferências e escolhas dos indivíduos que a compõem;
- 3) tem de continuar existindo por tempo suficiente para garantir uma continuidade de ação para além do prazo de vida desses indivíduos.

Note, caro leitor, que a sublime Ordem Maçônica atende de forma esmerada aos três requisitos, haja vista possuir a sua unidade real, unidade esta reconhecida de forma universal, em todo o mundo haverá uma única Maçonaria, claro, respeitando os ritos litúrgicos adotado por cada loja, sendo que a essência, ou seja, o que faz a instituição ser o que realmente é, possui robustez para determinar por si os valores dos indivíduos que a compõem, além da longevidade de sua regular constituição, em 1717, o que claramente cumpre o terceiro requisito, sendo uma ordem iniciática que perdura, de forma regular, por mais de 300 anos em uma contínua ação que vai além da vida de seus membros. Adentrando ao desenvolvimento do meu tema, é necessário, a princípio, fazer uma breve introdução em que, de acordo com a liturgia e ritualística próprias da Iniciação Maçônica seguindo o Rito Escocês Antigo e Aceito, eu, enquanto profano, ao me despir de meu paletó e levantar as vestes que me restaram, de modo a ficar seminu, estaria representando a criação imagética do homem por Deus, conforme a leitura da passagem de Gênesis 1:26 e 27³, a qual aduz: *“E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”* (grifo nosso).

Digo que se trata, a princípio, de uma criação imagética do homem justamente pelo o que há de ser observado um pouco mais à frente, em Gênesis 2:5-7⁴: *“E toda a planta do campo que ainda não estava na terra, e toda a erva do campo que ainda não brotava; porque ainda o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para lavrar a terra. Um vapor, porém, subia da terra, e regava toda a face da terra. E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente”* (grifo nosso).

Nota-se que é possível exaltar uma pequena evidência contida na própria Palavra Sagrada que nos permite interpretar que a primeira criação do homem se deu no imaginário, no campo das ideias de Deus, haja vista que a ordem cronológica narrada na Bíblia é clara ao afirmar que, mesmo após Deus o ter criado à Sua imagem, não havia homem para lavrar a terra, ou seja, mesmo após a criação do homem, este ainda não tinha sido materializado para exercer seu ofício.

De tal interpretação, há de se notar sua breve relação com a Iniciação Maçônica, em que a figura do profano antes de ingressar na Câmara das Reflexões está residindo no imaginário da Maçonaria, pois, para a Ordem, o maçom ainda não existe fisicamente, há apenas o seu ideal figurado, a sua imagem e semelhança com os obreiros, sendo que este entendimento se coaduna com a figura imagética do homem criado por Deus, já que, apesar de ter ocorrido a criação conforme à Sua imagem e semelhança, esse homem ainda não existia para lavrar a terra.

Nesse contexto interpretativo que se adentra ao primeiro elemento. Eu, enquanto profano, ao ingressar na Câmara das Reflexões, dei o primeiro passo rumo à materialização perante a Ordem Maçônica, deixando de estar apenas na imaginação para passar a existir em seu seio, cuja primeira prova é caracterizada pelo elemento Terra, simbolizando a escuridão e o silêncio que, ao meu ver e interpretação, remontam a fase de meu estado imaterial em que, com as reflexões realizadas, passei a ser corporificado pelo pó da terra.

“Somos pó e ao pó tornaremos”, esta é a última frase contida na parede da Câmara das Reflexões, a primeira prova passada como profano, representando a essência da criação do homem, em conformidade com o trecho “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra”, sendo esta a primeira analogia entre a ritualística com a criação de Adão.

Assim, há de se frisar que o primeiro elemento contido na Iniciação Maçônica é o mesmo que fora utilizado por Deus para formar Adão, sendo a terra a essência do homem, o primeiro passo na sua edificação, assim como é o primeiro passo do profano para se tornar um maçom.

Superada a primeira prova e demonstrado o primeiro elemento, o homem, o Eu Profano, todavia, ainda não estava completamente materializado perante a Maçonaria, haja vista estar fora do templo, fora do Éden, sendo que, seguindo a ritualística, adentrei ao local para realização da minha primeira viagem.

Pontualmente após a primeira viagem, passados os obstáculos do caminho, há a completa corporificação do homem, do Eu Profano

perante os obreiros, estes que me visualizam em meu trajeto, deixando o campo das ideias para me materializar no templo, materialização esta que se dá em razão do segundo elemento adstrito à essa prova, o Ar: “... e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente”.

O Ar, símbolo de vitalidade, da vida humana⁵, do sopro divino que deu alma vivente à Adão, é o segundo elemento presente na Iniciação do profano, este que se edificou no cerne da Maçonaria, sendo esta a segunda analogia entre a ritualística com a criação de Adão, o qual se materializou no Éden após receber o sopro da vida.

Dessa forma, cumpridas as minhas duas primeiras provas, deixei de existir apenas no campo hipotético da Ordem Maçônica, no imaginário dos meus irmãos como uma pessoa possuidora de semelhantes valores. Após o contato com a terra e o ar, já dentro do templo, pude sentir a corporificação do pó com o sopro de uma nova vida, e, assim, surge, análoga à criação de Adão, o Eu Iniciando, uma nova vida a ser criada no Éden da Maçonaria.

Seguindo a cronologia bíblica, dada a vida ao homem, plantou Deus um jardim no Éden e ali o colocou, fazendo brotar da terra a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal, e para mantê-las altivas, criou um rio para regar o jardim, conforme Gênesis 2:10⁶, que diz: “*E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços*” (grifo nosso).

Com a criação das águas do rio e o crescimento das árvores, Deus impôs a primeira obrigação a Adão, proibindo-o de comer os frutos da árvore do conhecimento do bem e do mal, conforme Gênesis 2:17⁷, que aduz: “Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”.

E assim surge o primeiro dogma, haja vista que a informação de sua morte caso coma o fruto do conhecimento se reveste em um princípio apresentado como certo, que deveria ser aceito tal como é, sem discussões.

Note, prezado leitor, que o elemento Água é o responsável por manter vivo mencionado dogma, elemento este que se transfigura no rio que mantém altiva a árvore do conhecimento, a qual não se manteria viva caso não fosse regada pelas águas do rio.

Justamente nesse momento que se adentra a analogia em que mencionado rio possui uma intrínseca relação com a terceira prova, segunda viagem realizada por mim enquanto profano, que traz consigo o elemento Água, simbolizando a pureza, a vivência harmônica e fraterna entre o discípulo e o mestre, este



ministrando a experiência e as virtudes, e aquele deixando-se conduzir, buscando a paz de consciência contra os vícios⁸.

Nesse ponto, há de notarmos que Adão, em seu papel de discípulo, seguia veementemente e cegamente os passos de seu Criador, seu Mestre, aceitando o dogma que lhe foi imposto e pautando suas atitudes na razão, assim como eu, enquanto profano, não conhecedor dos ensinamentos herméticos e ritualísticos adstritos à Maçonaria, segui cegamente os passos do irmão que me guiava, aceitei de forma harmônica aquela experiência fraterna entre mim, discípulo, e o mestre maçom, sem questionamentos, apenas seguindo o dogma e deixando-me conduzir.

Prosseguindo, Deus fez Eva, mulher de Adão, a qual fora responsável por tirar a razão deste e implantar a emoção, aquela perturbação do espírito provocada pela cobiça de alcançar a sabedoria, dando-lhe o fruto que abriu seus olhos, o responsável pela queda do homem ao mundo profano, sendo guardado o jardim do Éden por uma espada inflamada, fumegante, conforme Gênesis 3:24⁹, que diz: *“E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada **inflamada** que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida”* (grifo nosso).

Observando esse cenário, há de se notar a presença do quarto elemento, o Fogo, presente na terceira e última viagem realizada como profano e também na espada posta por Deus para guardar o caminho da árvore da vida.

E o que seria a mencionada árvore da vida? Para muitos, é a provedora do fruto que daria ao homem a vida eterna, a infinitude ao lado do Grande Arquiteto. E como poderíamos nós, meros seres mortais, eivados de vícios e pecados, galgar tal patamar?

A resposta para tal questionamento reside na última analogia desta peça de arquitetura, em que o fogo presente na espada protetora da árvore da vida também é o fogo presente na última viagem realizada por mim, enquanto profano, haja vista ser o elemento que traz em seu simbolismo a eliminação das nódoas do vício, significando a aspiração, fervor e zelo capazes de nos fazer lembrar sempre de buscar a verdadeira glória, trabalhando ininterruptamente pela causa em que nos empenhamos, que é a felicidade humana¹⁰.

Desse modo, o elemento Fogo seria a proteção e a indicação do caminho que nós, em nossas vidas profanas, devemos trilhar para levarmos uma vida justa e tentarmos alcançar a perfeição, visando à verdade, não estando mais presos a dogmas já pré-estipulados, trabalhando com a razão em equilíbrio com a emoção para colhermos os frutos de nosso trabalho e alcançarmos a felicidade humana que será eternizada no fim de nossa vida.

Assim, prezado leitor, concluo esta breve peça de arquitetura resumindo que o maçom, tal qual Adão, possui como essência de sua materialização os dois primeiros elementos, a Terra e o Ar, um que lhe traz a necessidade da reflexão e criação, e o outro que lhe dá a vida, seja no Éden ou no Templo; da mesma forma que possui como parâmetros comportamentais os outros dois elementos: a Água, que demonstra o início de nossa jornada, havendo a necessidade de um guia no trajeto para trocas de experiências, virtudes e atendimento a certos dogmas; e o Fogo, que representa a contínua caminhada de nossa vida, indicando o caminho que devemos seguir para alcançar a eternidade, trabalhando com aspiração, fervor e zelo em prol da felicidade humana.

Por fim, gostaria de frisar o que consta em nosso *Ritual de Aprendiz Maçom*, o qual afirma que pelo ritual aprenderemos o simbolismo maçônico, entretanto, não devemos nos restringir às explicações nele contidas, porque nossos símbolos podem ser encarados sob múltiplos pontos de vista e, cada um deles dá lugar a interpretações análogas, porém diferentes entre si¹¹, o que representaria o objeto cognoscível e o agente cognoscente, em suma, a essência da gnose. ◆

Bibliografia

- AQUINO, Santo Tomás de. *Suma Teológica*, I.42.3.
Bíblia Sagrada – Versão Reina-Valera em Português, 1ª Ed., 2010, p. 12 e 14.
 CARVALHO, Olavo. *Apoteose da Vigarice*. Vide Editorial, 2013, p. 16 e 17.
 GLESP. *Ritual do Aprendiz Maçom*. 12ª Ed. 2020, p. 46, 48, 49 e 57.

Notas:

- 1 - Santo Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I.42.3.
- 2 - Olavo de Carvalho, *Apoteose da Vigarice*, Vide Editorial, 2013, Pág. 16 e 17.
- 3 - *Bíblia Sagrada* – Versão Reina-Valera em Português, 1ª Ed., 2010, Pág. 12.
- 4 - *Bíblia Sagrada* – Versão Reina-Valera em Português, 1ª Ed., 2010, Pág. 12.
- 5 - *Ritual do Aprendiz Maçom*, GLESP, 12ª Ed. 2020, Pág. 46.
- 6 - *Bíblia Sagrada* – Versão Reina-Valera em Português, 1ª Ed., 2010, Pág. 12.
- 7 - *Bíblia Sagrada* – Versão Reina-Valera em Português, 1ª Ed., 2010, Pág. 12.
- 8 - *Ritual do Aprendiz Maçom*, GLESP, 12ª Ed. 2020, Pág. 48.
- 9 - *Bíblia Sagrada* – Versão Reina-Valera em Português, 1ª Ed., 2010, Pág. 14.
- 10 - *Ritual do Aprendiz Maçom*, GLESP, 12ª Ed. 2020, Pág. 49.
- 11 - *Ritual do Aprendiz Maçom*, GLESP, 12ª Ed. 2020, Pág. 57.

O Grande Arquiteto do Universo, o Altar dos Juramentos e o Candomblé.





Os egípcios tinham uma mesa de oferendas para os seus antepassados, fato que me faz notar a semelhança com as tradições do Candomblé, religião em que existe o culto aos antepassados. Sacrifício, também conhecido como imolação, oblação, oblata, oferenda ou oferta, deriva do latim, *Sacrificium*, que literalmente significa “ofício sagrado”.

Quem critica o sacrifício no Candomblé deve-se fazer duas perguntas. Primeira pergunta: “Deus gostou mais do sacrifício de Abel do que dos legumes de Caim? Por quê? Bem, nenhuma razão é determinada, mas provavelmente tem algo a ver com a quantia de dor e sangue envolvidos (Genesis 4:3-5). Segunda pergunta: “Você é vegetariano ou vegano?” Nenhum dos dois? Já parou para pensar no tanto de animais que você sacrifica todos os dias? Haja vista a indústria alimentícia, que só os mata devido ao seu desejo desenfreado por carne. Então, antes de criticar o sacrifício de animais, nas religiões de matrizes africanas, analise o que está sendo feito. Após o sacrifício, no Candomblé, a carne é preparada, temperada e servida para o pessoal do terreiro, exatamente como se faz em sua casa ou nos restaurante para o seu consumo.





Referente ao modo de abate para consumo, é praticamente igual. As gerações mais antigas faziam exatamente igual.

A seguir, algumas passagens bíblicas e referências sobre sacrifícios em outras religiões.

Deus dá instruções detalhadas de sacrifícios de animais. Tais rituais sangrentos devem ser importantes para Deus, julgando o número de vezes que ele repete as instruções. Do 1º ou 17º capítulo de Levítico, o texto sagrado pode ser resumido da seguinte forma: Adquira um animal, mate-o, jogue o sangue ao redor, corte o animal morto em pedaços e queime para um “cheiro suave ao senhor”. Confira:

“Da Tenda do Encontro, o Senhor chamou Moisés e lhe ordenou: Diga o seguinte aos israelitas: Quando alguém trazer um animal como oferta ao Senhor, que seja do gado ou do rebanho de ovelhas. Se o holocausto for de gado, oferecerá um macho sem defeito. Ele o apresentará à entrada da Tenda do Encontro para que seja aceito pelo Senhor, e porá a mão sobre a cabeça do animal do holocausto para que seja aceito como propiciação em seu lugar. Então o novilho será morto perante o Senhor, e os sacerdotes, descendentes de Arão, trarão o sangue e o derramarão nos lados do altar, que está na entrada da Tenda do Encontro. Depois se tirará a pele do animal, que será cortado em pedaços. Então os descendentes do sacerdote Arão acenderão o fogo do altar e arrumarão a lenha sobre o fogo. Em seguida arrumarão os pedaços, inclusive a cabeça e a gordura, sobre a lenha que está no fogo do altar. Se a oferta for um holocausto do rebanho, quer de cordeiros quer de cabritos, oferecerá um macho sem defeito. O animal será morto no lado norte do altar, perante o Senhor; os sacerdotes, descendentes de Arão, derramarão o sangue nos lados do altar. Então o animal será cortado em pedaços. O sacerdote arrumará os pedaços, inclusive a cabeça e a gordura, sobre a lenha que está no fogo do altar. As vísceras e as pernas serão lavadas com



água. O sacerdote trará tudo isso como oferta e o queimará no altar. É um holocausto, oferta preparada no fogo, de aroma agradável ao Senhor. Se a sua oferta ao Senhor for um holocausto de aves, traga uma rolinha ou um pombinho. O sacerdote trará a ave ao altar, destroncará o pescoço dela e a queimará, e deixará escorrer o sangue da ave na parede do altar. Ele retirará o papo com o seu conteúdo e o jogará ao lado leste do altar, onde ficam as cinzas. Rasgará a ave pelas asas, sem dividi-la totalmente, e então o sacerdote a queimará sobre a lenha acesa no altar. É um holocausto, oferta preparada no fogo, de aroma agradável ao Senhor.” (Levítico 1:1-17)

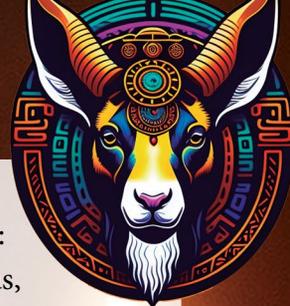
Os islâmicos também praticam sacrifício de animais. Lembram o sacrifício de Ibrahim, e, no dia dessa solenidade, vários animais são sacrificados. Um terço da carne vai para a família, outro terço para os vizinhos e o restante para os pobres. Exige-se que os animais sejam machos, adultos e saudáveis. Essa festa marca o fim do jejum do ramadã.

No Judaísmo, o sacrifício é conhecido como Korban, palavra oriunda do hebreu, *karov*, que significa “vir para perto de Deus”. O calendário dos judeus é lunar, sendo que voltaram a fazer sacrifícios alegando um novo ciclo em seu calendário para justificar tal evento.

Em Cuba, a Santeria, também conhecida como o “Caminho dos Santos”, é o termo aplicado ao culto em que os escravos adoravam os seus Santos “primitivos”, em detrimento dos Santos do Catolicismo. Notemos nesse caso a semelhança com a Umbanda. Mas, na Santeria, o sangue é oferecido nas iniciações e na resolução de vários problemas, e a carne é distribuída entre os seu adeptos.

No Hinduísmo, a Deusa Gadhimai foi reverenciada recentemente em um ritual com sacrifícios de animais, em um templo remoto ao sul do Nepal. Esses sacrifícios acontecem de cinco em cinco anos.





E por aí vai... Vemos registros de sacrifícios de animais em diversos povos, como, por exemplo, os egípcios, caldeus, gregos, romanos e alguns povos indígenas, que acreditam que assim como a terra os alimentava, esta também deveria ser alimentada com gordura e sangue.

Portanto, concluo, que para acharmos errados os sacrifícios de animais no Candomblé, deveríamos abolir definitivamente todo o consumo de carnes de animais, sendo que, atualmente, sacrificamos muito mais do que todos os povos aqui mencionados.

O sacrifício no Altar do Juramento

O verdadeiro maçom faz um sacrifício no Altar dos Juramentos, onde eleva templos a virtude e cava masmorras ao vício. Onde se compromete a ser exemplo perante a sociedade profana, independentemente de sua religião. Onde jurou e prometeu nunca revelar os segredos da Maçonaria, sob pena de ter a garganta cortada, e a ser cidadão honesto e digno, socorrer seus irmãos esparsos pelo globo e jamais atentar contra a honra de ninguém.

Após conhecer os augustos mistérios, existe o forte desejo de partilhar aquilo que aprendemos com aqueles que amamos, mas aí sacrificamos essa vontade e nossa oferta deve ser o mais absoluto e profundo silêncio.

O altar, que nos tempos antigos era apenas um amontoado de pedras, evoluiu para objetos mais elaborados e ornamentados. É o portador de uma série de significados e objeto central dos mais variados rituais, como preces, holocaustos, declaração de compromissos, incensações, sacrifícios etc.

Todas as grandes civilizações e

culturas humanas ergueram altares: judeus, cristãos, muçulmanos, hindus, romanos, gregos, egípcios, fenícios, incas, maias e astecas. Indígenas e antigos pagãos de todas as partes tiveram e têm seus altares. Nunca, porém, o altar perdeu sua significação inicial, que é a de conduzir os pensamentos do homem ao seu elevado Deus, seja ele denominado como for e ao qual chamamos de Grande Arquiteto do Universo.

Devemos respeitar todas as formas de sacrifícios e todos os tipos de altar, desde que estes nos conectem com o Grande Arquiteto do Universo. Sem abrir a porta, não existe a oportunidade de conhecer; sem dar um passo adiante, não existe a experiência; e sem participar, não existe a absorção do conhecimento.

Se nos limitarmos em apenas um fronte, só conheceremos um caminho, e o pior, talvez, acharemos que a verdade absoluta está ali. Talvez, a porta que não tivemos a coragem de abrir nos revelasse uma nova verdade que, somada a outra que já conhecíamos, nos levasse a procura de outras portas, as quais, por sua vez, poderiam mudar todas as nossas primeiras crenças, transformando, assim, a nossa linha de pensamento. Mas lembre-se que isso só é possível se tivermos coragem de abrir a porta.

Concluindo, imagine que você, após ter cumprido sua jornada neste mundo terreno, ascenda ao plano superior. Não teria você as mesmas vontades que teve quando estava em terra? Teria vontade de experimentar aquele velho tipo de comida que sempre comeu?

E se alguém lhe oferecesse um banquete em sua memória, com tudo aquilo que sempre gostou, você não se agradaria? E aqui uma provocação final: tendo recebido tão honrosa homenagem, se você pudesse, não retribuiria o favor? ◆





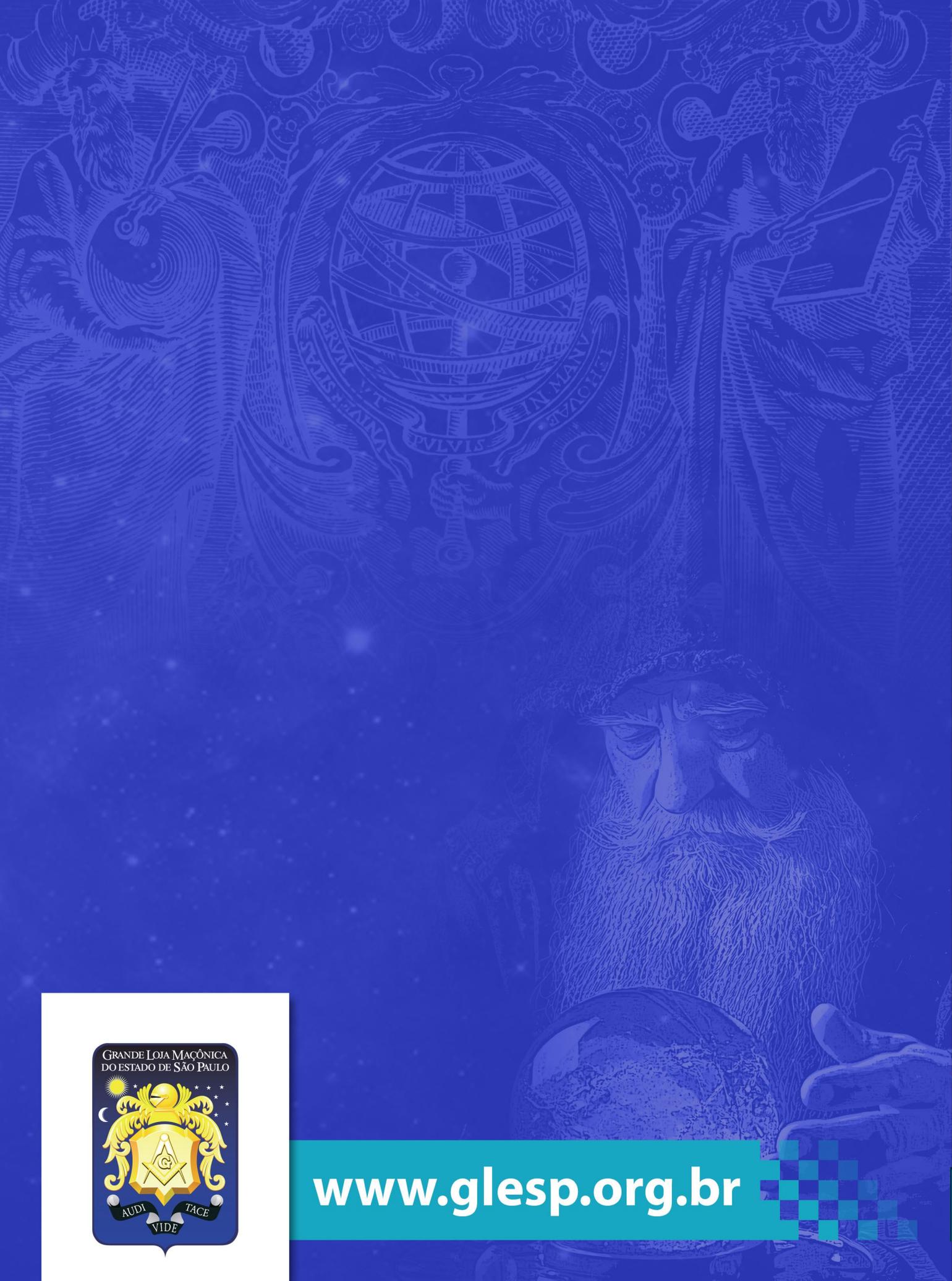
COMUNICADO DA GRANDE SECRETARIA DE CULTURA



Você, obreiro da Glesp, quer ver seu texto publicado em uma das mais conceituadas e respeitadas revistas maçônicas do Brasil?

Envie seu artigo, conto, crônica ou poema, abordando assuntos sobre história, filosofia e simbologia maçônicas ou temas afins à Maçonaria, para a revista A Verdade.

Para mais informações, entre em contato pelo e-mail averdade@glesp.org.br.



www.glesp.org.br